

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

LUÍSA CARDOSO VIEIRA COSTA

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA NA
ENTREVISTA AO CANAL DE PODCAST PODPAH**

UBERLÂNDIA

2024

LUÍSA CARDOSO VIEIRA COSTA

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA NA
ENTREVISTA AO CANAL DE PODCAST PODPAH**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne

UBERLÂNDIA

2024

LUÍSA CARDOSO VIEIRA COSTA

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA NA
ENTREVISTA AO CANAL DE PODCAST PODPAH**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne

Uberlândia, 22 de abril de 2024.

Banca examinadora

Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne - (UFU) - Orientador

Profa. Dra. Aline Camargo - (UNESP) - Examinadora

Prof. Dr. Israel de Sá - (UFU) - Examinador

CARDOSO, Luísa. **A construção discursiva de Luiz Inácio Lula da Silva na entrevista ao canal de podcast Podpah**. 2024. 48 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024.

RESUMO

Este trabalho analisa como se dá a construção discursiva que o sujeito Luiz Inácio Lula da Silva faz de si na entrevista concedida ao canal de podcast Podpah em dezembro de 2021. O Podpah consolida-se como um veículo de grande alcance voltado para o público jovem, que inovou ao entrevistar o político em um período pré-eleitoral, alcançando grande repercussão. Frente a isso, a presente pesquisa busca discutir sobre o funcionamento discursivo de enunciados centrados na escrita de si, bem como sobre o papel social e político das plataformas digitais sonoras na circulação de discursos políticos; não obstante, reflete sobre essa materialidade. O estudo apresenta-se diante da necessidade de explorar os discursos políticos e como são exercidas as ferramentas de poder no interior do atual contexto social brasileiro, marcado pela digitalização. Por meio deste gesto analítico, amparado teórico e metodologicamente nos Estudos Discursivos Foucaultianos, observaram-se quatro regularidades discursivas predominantes na escrita de si do sujeito Luiz Inácio Lula da Silva: “eu rememorador”, “eu Estadista”, “eu e os outros” e “eu contestador”. A partir do aparato teórico e metodológico, observa-se como os enunciados se estabelecem nas relações de poder, na construção de regimes de verdade e produção de sentidos. Dessa forma, foi possível identificar a constituição de estratégias voltadas para a identificação de classes, para a coletividade e o exercício de poder, para a comparação entre sujeitos e o questionamento da realidade.

Palavras-chave: Lula; Estudos Discursivos Foucaultianos; escrita de si; podcast

ABSTRACT

This research analyzes the discursive strategies present in the construction that the subject Luiz Inácio Lula da Silva makes of himself in the interview granted to the podcast channel Podpah in December 2021. Podpah consolidates itself as a widely-reaching vehicle aimed at the young audience, which innovated by interviewing the politician in a pre-election period, achieving significant repercussions. In light of this, the present research seeks to discuss the discursive functioning of statements centered on self-writing, as well as the social and political role of digital sound platforms in the circulation of political discourse; nonetheless, it reflects on this materiality. The study arises from the need to explore political discourses and how power tools are exercised within the current Brazilian social context, marked by digitalization. Through this analytical gesture, theoretically and methodologically supported by Foucauldian Discourse Studies, four predominant discursive regularities were observed in the self-writing of the subject Luiz Inácio Lula da Silva: "I as a remembrancer," "I as a Statesman," "I and the others," and "I as a protester." Through the theoretical and methodological apparatus, it is observed how the statements establish themselves in power relations, in the construction of regimes of truth and production of meanings. Thus, it was possible to identify the constitution of strategies aimed at class identification, collectivity and the exercise of power, comparison between subjects, and questioning of reality.

Keywords: Lula; Discourse Analysis; self writing; podcast.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 RÁDIO CONTEMPORNEO E PODCAST.....	9
2.1 O PODCAST PODPAH.....	17
3 POLÍTICA E DISCURSO.....	19
3.1 SABER, PODER E VERDADE.....	23
3.1.2 Discurso midiático.....	25
4 PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE.....	27
4.1 EU REMEMORADOR.....	28
4.2 EU ESTADISTA.....	31
4.3 EU E OS OUTROS.....	35
4.4 EU CONTESTADOR.....	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

O contexto político brasileiro no final de 2021 e início de 2022 encontrava-se conturbado em diferentes aspectos. O mandato presidencial de Jair Messias Bolsonaro caminhava para o último ano, em meio às críticas quanto à atuação do presidente no combate ao COVID-19 e aos escândalos de corrupção, mas ainda com uma forte base política. Como afirma a matéria publicada pelo portal G1, em dezembro de 2021, o terceiro ano de governo de Bolsonaro foi marcado por CPI e ameaças à democracia, relacionadas às medidas contrárias às recomendações dos profissionais da saúde e supostas tentativas de interferência na Polícia Federal. O Brasil e o mundo assistiram à ascensão da extrema direita partidária - a partir de líderes como Donald Trump - nos Estados Unidos, e Jair Bolsonaro, acompanhada de uma forte polarização da população, que também provocou efeitos nas eleições presidenciais brasileiras de 2022.

Luíz Inácio Lula da Silva retornava às aparições públicas e à reconstrução de sua imagem após a crise provocada pela prisão em 2018, além de uma adaptação ao novo cenário social e político que se formou desde seu último mandato em 2011. Dentre as inúmeras entrevistas dadas, destaca-se a conversa de cerca de duas horas e meia com os apresentadores do canal Podpah.

O Podpah é uma produção comandada por Igor Cavalari e Thiago Marques, criada em 2020. Em 2022, foi o podcast mais ouvido do Spotify no Brasil e ocupou 24º lugar no ranking global. O veículo entrevistou personalidades como Luciano Huck, Mano Brown e Anitta, ao longo dos mais de seiscentos episódios. No dia 2 de dezembro de 2021, foi ao ar o episódio 295 do programa, com Luíz Inácio Lula da Silva como entrevistado. Até o início de abril de 2024, o episódio contava com cerca de dez milhões de visualizações no Youtube e representa um amplo objeto para o estudo do funcionamento de discursos voltados para o campo político, inseridos no ambiente digital.

A partir disso, este trabalho analisa como o sujeito Luíz Inácio Lula da Silva se constrói discursivamente na entrevista ao canal de podcast Podpah, em 2021. Ou seja, como exerce uma dada escrita de si, na referida materialidade sonora. Por meio dos Estudos Discursivos Foucaultianos, na interlocução entre política e comunicação, busca-se compreender como se dá uma dada construção de si por meio da fala pública, tendo em vista como a circulação desses discursos exerce poder sobre o corpo social (Foucault, 1996). Como objetivos específicos, a presente pesquisa se propõe a analisar as estratégias discursivas presentes na escrita de si realizada por Lula, de forma a discutir o funcionamento de discursos

voltados para este tipo de construção pessoal. Ademais, discorre sobre a composição histórica e social das plataformas midiáticas sonoras no meio digital, bem como seus papéis na disseminação de discursos políticos na atualidade.

O tema da pesquisa surge a partir da curiosidade da pesquisadora acerca do funcionamento discursivo na reconstrução da imagem de Lula após a prisão em 2018 e frente às eleições de 2022. O contexto político formulado com a ascensão da extrema direita no Brasil e no mundo chamaram atenção para importantes tópicos de pesquisa em diversas áreas, incluindo a comunicação.

Direcionar estudos para as estratégias discursivas presentes em enunciados de figuras políticas se justifica pela necessidade de uma exploração sobre como elas exercem um dado poder sobre a opinião pública e os direcionamentos políticos em diferentes esferas. A discussão na área das intersecções entre comunicação e política parte de plataformas digitais como meio de circulação de dizeres que, sobremaneira, recaem sobre modos de compreensões da população frente aos acontecimentos. A modernização exponencial das mídias digitais e das tecnologias de comunicação e informação contribuíram para a formulação do cenário de ampla disseminação de discursos e polarização política que hoje em dia circunscrevem as discussões públicas.

Os estudos referentes às análises de discurso transitam cotidianamente na forma como a sociedade se relaciona com os discursos políticos. O Brasil se tornou um dos casos emblemáticos no que se refere à ascensão de personagens políticos que acumulam seguidores reais e virtuais, destacando o papel das estratégias discursivas presentes na atuação de figuras de grande popularidade.

Esta pesquisa mostra-se relevante para os estudos do discurso foucaultianos, uma vez que trabalha com uma materialidade atual de alto poder de circulação social: o podcast. O episódio escolhido demonstra um caráter inovador da análise, devido ao ineditismo no estudo discursivo de seu conteúdo.

Para tanto, este trabalho está estruturado em quatro capítulos. A iniciar por “Rádio contemporâneo e podcast”, em que são discutidas a história recente e as transformações no cenário das mídias sonoras digitais, refletindo sobre o funcionamento do podcast e seu papel midiático, político e social na atualidade. A seguir, “Política e discurso” analisa os principais conceitos voltados para os Estudos Discursivos Foucaultianos, principalmente aqueles referentes ao funcionamento de discursos centrados na escrita de si e imersos no campo da política, de forma a compreender a metodologia e as concepções diante dos regimes de verdade, construções discursivas, relações de poder, dentre outros. O percurso metodológico e

análise considera os métodos utilizados para a realização da pesquisa, bem como o gesto analítico, dividido em quatro regularidades discursivas observadas. Por fim, as considerações finais examinam brevemente os resultados e trazem ponderações relevantes para a totalidade do estudo.

O percurso metodológico e conceitual parte dos Estudos Discursivos Foucaultianos, mediante a escuta e coleta das sequências enunciativas mais produtivas para a análise, que foram agrupadas de acordo com as regularidades discursivas fruto do próprio gesto analítico, que são: “eu rememorador”, “eu Estadista”, “eu e os outros” e ”eu contestador” . O olhar analítico se manteve nos excertos em que o sujeito realiza uma escrita de si, reconhecendo a materialidade linguística do discurso. A partir do acionamento de conceitos discutidos nos capítulos teóricos, referentes às práticas de podcast e aos estudos do discurso, realizou-se a interpretação dos enunciados e o gesto analítico.

2 RÁDIO CONTEMPORÂNEO E PODCAST

O objeto de pesquisa deste trabalho se materializa em um produto em áudio veiculado na internet. Diante disso, para que sejam atingidos os objetivos esperados, é necessário compreender as características e potencialidades do radiojornalismo, além de suas transformações.

Ferrareto (2014, p. 21) estabelece distinções entre manifestações diversificadas do rádio, delineando aqueles de antenas ou hertzianos enquanto os correspondentes às modalidades tradicionais que utilizam ondas eletromagnéticas para suas transmissões. Trabalha-se aqui com a segunda perspectiva desenvolvida pelo autor - o rádio on-line - enquanto manifestação que:

“[...] engloba todas as emissoras operando via internet, independentemente de possuírem contrapartes de antenas ou hertzianas, além de produtores independentes de conteúdo disponibilizados também via rede mundial de computadores (Ferrareto, 2014, p. 21).

Inserida nesta forma expandida do meio, há a modalidade denominada “podcasting”, considerada como uma “forma de difusão, via rede, de arquivos ou séries de arquivos” (Ferrareto, 2014, p. 21). Diante das expansões e transformações do meio rádio, a característica de ser um companheiro do ouvinte se demarcou ainda mais, como delineia o autor, particularidade fundamental para sua consolidação em meio às evoluções tecnológicas, entre elas as responsáveis pela portabilidade dos aparelhos receptores.

Dos receptores tradicionais aos associados às chamadas novas tecnologias de informação e comunicação - cada vez menos novas, na realidade -. a mensagem radiofônica acompanha ao ouvinte, chegando a ele no radorrelógio, que o desperta; no radinho de pilha, enquanto toma banho; no celular, durante o deslocamento por ônibus ou por lotação; no autorrádio do carro, em meio às agruras do trânsito das grandes cidades; via internet, na escuta simultânea ao trabalho. e de dezenas de outras formas (Ferrareto, 2014, p. 30).

A caracterização do rádio como companheiro é sistematizada por Ferrareto (2014, p.29) como um processo que garantiu a sobrevivência desta mídia a linguagem radiofônica em meio ao fortalecimento da transistorização. Para o autor, a portabilidade dos aparelhos receptores está associada à “quebra da solidão” tanto em zonas urbanas quanto rurais, ao conectar o simulacro da conversa às atividades cotidianas, simultaneamente.

Para expressar melhor o papel do rádio no dia-a-dia dos indivíduos, Kischinhevsky (2009, p. 3) explicita que, por meio do rádio e de outras interações, os ouvintes se reconhecem em coletividades, em esferas como “[...] moradores de uma determinada cidade ou região, torcedores de um time de futebol, fãs de um artista ou estilo musical, etc.”. Essas comunidades simbólicas fortalecem o “sentimento de pertença”, que fez-se presente, por exemplo, na afirmação de Estados Nacionais.

Ferraretto (2014, p.18) associa as mudanças na dinâmica da produção e consumo de rádio, a partir dos anos 1990 e 2000, à uma gama de elementos que foram introduzidos na sociedade por meio da tecnologia, como a internet, telefonia celular e a computação pessoal. A utilização desses artificios possibilitou a disponibilização de materiais de áudio sob uma lógica de demanda, além de outras manifestações, que anteriormente limitavam-se ao modelo ponto-massa.

Com as transformações tecnológicas, a própria definição de rádio precisou ser questionada e reelaborada; se, anteriormente, a mídia era considerada como uma mídia exclusivamente sonora, de fluxo de transmissão simultâneo por meio de ondas eletromagnéticas, atualmente, o entendimento de rádio, então, passou por mudanças que o levaram a ser associado a uma linguagem comunicacional específica que pode estar vinculada a diversos suportes tecnológicos (Ferrareto, 2014). Kischinhevski (2016) analisa o conceito de “rádio expandido” para trabalhar a presença do modelo radiofônico em outras plataformas, como dispositivos móveis e TVs, em virtude da convergência midiática, que possibilitou um renascimento do rádio em novos canais de distribuição. O autor considera que, ao extrapolar os limites das ondas hertzianas, o rádio “potencializa a circulação de seus conteúdos e explora sua maior vantagem competitiva diante da TV e da imprensa: a comunicação de base sonora, que permite a realização de outras atividades simultâneas à escuta”(Kischinhevski, 2016, p. 16).

Dentro da perspectiva de “rádio on-line” debatida anteriormente, Ferrareto (2014, p.21) desenvolve três modalidades distintas, sendo elas: “rádio na web”, que inclui estações hertzianas que também disponibilizam conteúdos via internet, “web rádio”, sendo emissoras que veiculam suas produções exclusivamente na internet, e o “podcasting”, considerando produtos com linguagem radiofônica, que caracteriza uma forma de difusão via rede.

O podcasting e outras práticas semelhantes, portanto, coexistem com diferentes espécies de uso da linguagem radiofônica e têm características específicas, que constantemente acompanham as transformações tecnológicas no consumo e na produção dos materiais. A exemplo disso, as relações das novas formas de difusão com as definições de

comunicação de massa também passaram por alterações. Segundo Ferraretto (2014, p.24), o rádio posterior aos anos 1990, em suas diversas modalidades, não pode ser identificado exclusivamente como comunicação massiva, tendo em vista o critério quantitativo de suas audiências, muitas vezes restritas a um pequeno nicho de ouvintes, no entanto, essas manifestações possuem relevância considerável para a parcela de público que atingem a são classificadas como rádio.

Para entender a constituição do podcasting em meio ao rádio tradicional, é possível observar as mudanças desempenhadas no modelo comunicacional radiofônico, introduzidas individualmente em todas as etapas do processo. Ferraretto (2014, p.27) utiliza o modelo de Wilbur Schramm, a partir da existência de uma fonte codificadora de uma mensagem, que é conduzida por um canal até um receptor, responsável por decodificá-la. Diante desse sistema, as novas formas de radiodifusão estabelecem novos parâmetros, considerando os novos agentes emissores da mensagem, como coletivos independentes, os novos canais de distribuição de conteúdo, a interatividade entre emissores e ouvintes, que permite alterar a mensagem, entre outros elementos.

No marco da internet, que se faz acompanhar de um apelo à multidirecionalidade e à interatividade, ganha espaço crescente a mensagem do público. O que antes aparecia em cartas, enquetes ou telefonemas torna-se permanente por correio eletrônico, chats, softwares de mensagens instantâneas ou celular (Ferraretto, 2014, p.28).

A intimidade desenvolvida pelo meio radiofônico e suas modalidades acompanham, com pioneirismo, a cultura da portabilidade, associada atualmente por aparelhos como os celulares. O levantamento Inside Radio 2022, realizado pelo Kantar IBOPE Media (2022) - instituto global de dados, insights e consultoria -, indica que 30% dos ouvintes de rádio estão no carro e 9% estão em trajeto. Já o percentual de pessoas que escutam em casa caiu nove pontos percentuais em relação a 2021.

O podcast aparece como uma nova forma de produção, difusão e consumo de materiais radiofônicos. Segundo o mesmo levantamento, assuntos diversos são procurados pelos ouvintes de podcasts, entre os doze temas mais populares estão Política, Música, Notícias, e Esportes, Religião e espiritualidade (Kantar Ibope Media, 2022). Categorias que se relacionam com as sistematizações feitas por Ferraretto (2014) a respeito do conteúdo das programações de rádio, que também podem se apresentar em podcasts. Por fim, o levantamento de 2022 Inside Radio retoma a figura de companheiro das produções

radiofônicas, mostrando que 43% escuta rádio porque “faz companhia”, configurando o segundo motivo mais comentado.

Como debatido anteriormente, as novas tecnologias de comunicação e informação trouxeram mudanças significativas nas práticas de produção e consumo da linguagem radiofônica. Kischinhevsky (2009, p.5, v.5), ao debater a cultura da portabilidade, destaca o surgimento do iPod da Apple, tocador multimídia que popularizou o software de gerenciamento de arquivos de áudio e lojas virtuais voltadas para os interesses radiofônicos e fonográficos. O produto se tornou objeto de desejo e simbolizou uma mudança na cultura e no mercado. Na atualidade, é possível destacar as plataformas de streaming, como Spotify e Deezer, que, em 2022, superaram os 20 milhões de assinantes premium no Brasil pela primeira vez, segundo a Associação Brasileira de Música Independente (2023). O estudo realizado pela ABMI, publicado em matéria no site da União Brasileira dos Compositores (ABMI, 2023), utilizou dados apurados por um sistema de monitoramento digital, que demonstrou a perspectiva de fortalecimento do mercado de streaming no país. De acordo com a pesquisa, o Spotify é responsável por quase 70% dos assinantes brasileiros, seguido por Amazon Music, Deezer e Apple Music.

As formas inovadoras de difusão de conteúdo radiofônico possibilitaram o fortalecimento do podcasting e a constituição de suas características próprias. A exemplo disso, Kischinhevsky (2009, p.8, v.5) formula essa prática como uma “radiodifusão sob demanda, de caráter assíncrono”, que se adapta às necessidades do consumidor e foi desenvolvida paralelamente às emissoras AM/FM.

Inserido na lógica da comunicação de nicho, empreendida por novos atores sociais, o podcasting – quando desvinculado da radiodifusão convencional – apresenta maior diversidade potencial em termos de linguagem, temática e formatos. Mesmo assim, pelo menos até aqui, a maioria reproduz estilos de locução, formatos de programas, vinhetas e outros recursos típicos do AM/FM (Kischinhevsky, 2009, p.9).

Em razão das transformações tecnológicas e avanço das mídias digitais, os podcasts também passaram a ser transmitidos em plataformas de áudio, como as citadas anteriormente, que favorecem sua distribuição e facilitam o acesso por parte dos ouvintes. Diante disso, Primo (2005) estabelece uma diferenciação do podcast em relação às estruturas tradicionais de radiodifusão, tendo em vista uma democratização, em certa medida, da mídia sonora. Para Primo (2005, p.5, v.2), “(...) o podcasting não depende da proximidade dos ouvintes de um

centro transmissor”, centralizando o acesso à disponibilidade de internet, além das mudanças nas condições de produção.

Um podcast, por outro lado, pode ser produzido por uma única pessoa tendo como recurso apenas um microfone ou gravador digital, um computador conectado na Internet e algum servidor na rede para armazenamento de seus programas e do recurso RSS. Essa produção oferece ao podcaster um contato muito próximo de seu produto, em contraste com a produção de programas radiofônicos massivos, em que muitos atores do processo produtivo acabam tendo pouco (ou até mesmo nenhum) contato com o produto final (Primo, 2005, p.7)

Primo (2007) delinea a presença da mobilidade também no modo de produção desses produtos, destacando que o podcasting permite que a gravação seja feita mesmo na ausência de uma estrutura profissional de áudio. A flexibilização se deu, ainda, nos sujeitos que produzem, uma vez que descentralizados das concessões governamentais possibilitam novas formas de expressão individual e a desmonopolização do poder da palavra.

A oposição ao oligopólio da produção radiofônica é mencionada por Kischinhevsky (2009, p.10, v.3), ao ressaltar a atuação de organizações não-governamentais, instituições de ensino, grupos políticos, religiosos, entre outros agentes que passam a se dedicar à formulação de conteúdo. Para o autor, os objetivos desses grupos são diversos, incluindo a visibilidade de agendas políticas ou expressão pessoal.

No estudo da “geração podcasting” e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo, Herschmann e Kischinhevsky (2008) argumentam que a espetacularização e a alta visibilidade no ambiente midiático são estratégias de assentamento de discursos. Os autores reconhecem o papel do entretenimento na sociedade atual enquanto parte fundamental de seu funcionamento, bem como o intenso investimento no espetáculo, associados ao hipertrofismo dos meios de comunicação. Ao analisar a atuação da nova modalidade de radiodifusão - o podcasting - nesse contexto, é possível constatar que suas produções passam a participar das funções e características do campo midiático, incluindo as possibilidades de construção de sentido e espetacularização de temas sociais e políticos.

Para Herschmann e Kischinhevsky (2008, p.102), há no agenciamento do espetáculo e nas novas tecnologias de comunicação, a possibilidade de indivíduos e grupos sociais “[...] construir - através dessas apropriações - linhas de fuga, novos referenciais e significados às suas vidas”. O processo de democratização da mídia sonora, como explicitado anteriormente, favorece lideranças e grupos sociais que se convertem a emissores, graças aos parâmetros inéditos de produção. Esse novo cenário possibilita a emergência de conteúdos diversos, de

acordo com múltiplos nichos e comunidades de interesses, que se constituem por meio de episódios caracterizados pela linguagem radiofônica, incluindo locuções, trilhas sonoras, transições, etc.

“Certamente, um fator de sedução é a ausência de regras rígidas nos podcasts. Não há padrões de locução ou restrições em termos de linguagem e temas abordados”, como explicitam Herschmann e Kischinhevsky (2008, p.103), tendo em vista a forma como essas ferramentas atendem aos anseios de grupos minoritários, mas também de diferentes tribos urbanas, pesquisadores e uma ampla gama de atores sociais.

Os autores chamam atenção para o avanço das tecnologias de compressão de arquivos, associado à crise da indústria fonográfica - aspectos que favorecem o surgimento de mudanças culturais e novas formas de consumir músicas e informação, além de novos modelos de sociabilidade e identificações culturais. Dessa forma, é possível observar a ampliação da pluralidade no entretenimento, que passa a acolher diferentes representações artísticas, posicionamentos políticos, militâncias, entre outros discursos.

O estudo das interações dos indivíduos com as mídias sonoras em plataformas contemporâneas permite analisar como esse consumo atua na construção de perfis identitários e de coletividades sociais, culturais e políticas:

Com isso, formam-se verdadeiras comunidades transnacionais de gosto, em permanente movimento. Comunidades das quais dezenas, centenas, milhares ou até mesmo milhões fazem parte e que compõem mosaicos de sociabilidades e processos de subjetivação – naturalmente, como vimos no início deste artigo, ao lado de outras instâncias de mediação, com variados graus de prevalência sobre esta e outras redes de relacionamento (Kischinhevsky, 2009, p.13, v.3).

Kischinhevsky, Lopez e Benzecry (2020, p. 9, v.11) debatem, ainda, uma segunda era do podcasting e dos estudos a seu respeito, considerando a emergência de um caráter cada vez mais massivo nessas produções. O espaço inicial, caracterizado por nichos definidos e de pouco alcance, desenvolve-se até atingir um novo protagonismo no ecossistema midiático, favorecido pela ampliação dos sistemas de telefonia celular, os novos hábitos de consumo, entre outras metamorfoses. Os autores destacam que novas produções passam a alcançar sucessos de audiência, conectados às plataformas de financiamento coletivo e à publicidade online.

O podcast Café da Manhã, produzido pela Folha de São Paulo, ilustra o potencial dos novos formatos de mídia sonora na atualidade. A produção diária original do Spotify

alcançou, em abril de 2023, a marca de um milhão de seguidores na plataforma, segundo a matéria publicada pelo veículo (Podcast, 2023). O perfil tem mais de mil episódios desde sua estreia em 2019 e é destinado à cobertura de temas atuais, com uma linguagem simples e acessível. O podcast conta com intervenções e experimentações por parte dos apresentadores, que tornam-se parte integrante da produção e adquirem a simpatia dos ouvintes, por meio de quadros especiais e momentos de conversa.

A ampliação das redes de internet e do acesso à tecnologia provocou alterações em diferentes esferas, incluindo os modelos de negócio dentro dos meios de comunicação. A publicidade online, como citado anteriormente, possui papel significativo no desenvolvimento de produções midiáticas nos novos parâmetros tecnológicos de produção e consumo. Bufarah Junior (2020) analisa alguns exemplos de podcasts bem sucedidos que sugerem novas formas de monetização da mídia sonora no meio digital, como o “Jovem Nerd”, “La Silla: On The Record” do portal colombiano “La Silla Vacía”, “O Assunto” do grupo Globo, o programa mexicano “Azul Chiclamino” e o “Café da Manhã” da Folha de S. Paulo, citado anteriormente. O autor explora as formas de diferenciação no cenário em que os arquivos de áudio voltam a possuir destaque midiático e encontram um público com maior poder de escolha e segmentação.

A dinâmica de propagandas executada ao longo do século XX voltava-se para a “[...] comercialização de espaços comerciais entre blocos de conteúdos produzidos pelas emissoras de rádio e TV” (Bufarah Junior, 2020, p. 39, v.11). O pesquisador sinaliza novas formas encontradas pelos anunciantes para se unirem aos novos produtores de conteúdo, desenvolvendo modelos diversificados de anúncios cada vez mais relevantes e integrados às temáticas:

Com a ampliação do uso das redes sociais e o decréscimo do número de leitores dos meios de comunicação tradicionais, houve um crescimento do número de sites e espaços virtuais baseados no *infotainment*, em que as informações são misturadas a conteúdos de entretenimento e marcas, de forma direta ou indireta. Nesse contexto, desenvolveram-se parcerias entre empresas de comunicação e anunciantes em estratégias de co-branding, produzindo conteúdos editoriais de natureza informativa, entretenimento, ou educativa, relacionados aos produtos e serviços da marca patrocinadora (Bufarah, 2020, p. 41).

Diante disso, pode-se observar como a produção radiofônica reenquadra-se em um novo ecossistema de mercado e consumo, dando origem a novos agentes produtores descentralizados e que partem de diferentes nichos culturais. O ouvinte adquire autonomia na

seleção e organização dos conteúdos que deseja escutar, partindo das características fundamentais do podcasting, como a atemporalidade, que, para Assis (2010, p.2), permite a liberdade do ouvinte quanto às restrições de horários ou programações. Além disso, o pesquisador chama atenção para a disponibilidade, uma vez que os episódios de um podcast permanecem publicamente acessíveis com facilidade. É possível concluir que as novas circunstâncias fornecem ao público um potencial construtivo e criativo na sistemática de consumo, conferindo a ele a possibilidade de escolha, de interação com o conteúdo e, por fim, de tornar-se emissor de mensagem.

Esse exercício da liberdade que o podcast oferece é uma boa forma de mostrar ao usuário o poder de suas ações e decisões. Ouvir um podcast não é como ouvir a uma rádio onde se diz, “o que será que está passando?”, mas é mais uma ferramenta criativa onde se diz “vou ouvir o que eu quero”. (Franco, 2009, apud Assis, 2010, p. 5)

Medeiros (2005) vai além, acentuando a libertação do ouvinte em relação à indústria e aos interesses das grandes gravadoras que comandam a programação, adquirindo a capacidade de acessar produtos sonoros alternativos, tanto musicais quanto informativos. Ademais, o autor ressalta a ausência de controle ou censura na prática do podcasting como uma vantagem em relação aos modelos de produção anteriores. Tendo em vista a liberdade temática proveniente de criações independentes e de baixo custo, novas abordagens foram possibilitadas diante de diferentes cenários sociais e políticos.

Retomando Herschmann e Kischinhevsky (2008, p. 102), “[...] o espetáculo contemporâneo parece indicar a emergência de uma nova arena política – midiática – e a importância da esfera da cultura ou dos fatores culturais como vetores capazes de mobilizar efetivamente os atores sociais.” Ao analisar as novas possibilidades de emissão de informação que facilitaram o acesso à diversas esferas, é possível compreender aspectos, por exemplo, da intensificação do debate político na última década. Para além dos tradicionais debates entre candidatos promovidos pelas emissoras de televisão, as figuras políticas encontram novas formas de se comunicar com o público, incluindo as redes sociais e os novos canais midiáticos de grande alcance.

Segundo a pesquisa de opinião realizada pelo DataSenado em 2019, 45% dos entrevistados afirmam levar em consideração informações vistas nas redes sociais em suas decisões de voto, sendo o Youtube a terceira plataforma de maior impacto para esses eleitores (Data Senado, 2019). Em 2022, o ex-presidente Jair Bolsonaro participou de dois podcasts

que alcançaram recordes de espectadores simultâneos: o programa "Inteligência Ltda", que atualmente conta com 18 milhões de visualizações, e o "Flow Podcast", que marca 16 milhões. Livre da grade de programações, a flexibilidade de duração também representa uma mudança na dinâmica desses produtos, já que conteúdos como a entrevista realizada pelo "Flow Podcast" atingem até cinco horas de duração.

Com milhões de potenciais podcasters, o debate se desloca para as estratégias de visibilidade em tempos de comunicação pulverizada, via rede mundial de computadores. Os novos usos possibilitados pelo rádio sob demanda engendram novas sociabilidades, mas resta saber como outras formas de mediação sociocultural se relacionarão com o fenômeno (Herschmann, Kischinhevsky, 2008, p.104).

Portanto, ao analisar o podcasting, é possível perceber que sua construção se deu ao longo da história, juntamente com os avanços tecnológicos e que vem ultrapassando barreiras econômicas e políticas de acesso e produção. Compreender as especificidades e os produtos que emergem desse meio possibilitam estabelecer uma série de relações com a sociedade e seu funcionamento. O podcast Podpah é uma das construções provenientes deste cenário, que possui números expressivos de audiência e será analisado a seguir.

2.1 O PODCAST PODPAH

O objeto de estudo desta pesquisa é composto pelo 295º episódio do canal de podcast Podpah, disponível na plataforma de áudio Spotify e no Youtube. O programa, criado em 2020, é apresentado por Igor Cavalari e, até o início de 2024, contava com 7,83 milhões de inscritos no Youtube. Focado em entrevistas com personalidades públicas, o canal está em seu 734º episódio, incluindo quadros especiais como o "Rango Brabo", "Carona Podpah" e "Podpah Visita".

Por meio de uma linguagem informal, os entrevistadores abordam temas diversos em conversas de, em média, duas horas de duração. Segundo o veículo de comunicação Meio & Mensagem (2024), o hub de entretenimento possui, em média, 60 milhões de visualizações por mês e ultrapassou a marca de 2 bilhões ao longo dos últimos três anos. Ainda segundo a matéria publicada, o Podpah foi o canal de podcast mais ouvido no Spotify no Brasil em 2022 e o 24º no mundo.

Com foco na cultura da periferia, tendo em vista a origem dos criadores, os temas abordados e as personalidades convidadas, a produção atraiu a atenção do público jovem e de

grandes patrocinadores. Entre os entrevistados que já participaram do programa estão: Lula, Mano Brown, Nando Reis, Anderson Silva, Djamila Ribeiro, entre outros.

Este estudo analisa, especificamente, a entrevista concedida por Luiz Inácio Lula da Silva ao programa descrito, que foi ao ar ao vivo no dia 2 de dezembro de 2021. De acordo com o jornal online Poder 360 (Barbosa, Oliva, 2021), o episódio bateu recorde de acessos simultâneos no Youtube, reunindo 292 mil pessoas, o maior número registrado pelo canal. Além disso, o conteúdo ficou entre os assuntos mais comentados do Twitter por cerca de quatro horas. Até o começo de fevereiro de 2024, a entrevista em vídeo contava com 815 mil curtidas e mais de 35 mil comentários.

O atual chefe do Executivo abordou temas diversos, incluindo sua vida pessoal, o momento político brasileiro da época e seus feitos históricos. A entrevista situa-se no fim do mandato do ex-presidente Jair Bolsonaro, em meio às especulações diante da possível candidatura de Lula à presidência. Por esse motivo, marca o retorno do político à grande mídia, que, segundo a pesquisa do Poder Data (2021), realizada de 22 a 24 de novembro de 2021 e publicada pelo Poder 360, contava com 34% das intenções de voto.

3 POLÍTICA E DISCURSO

Este trabalho se constrói a partir dos Estudos Discursivos Foucaultianos, em que Michel Foucault problematiza e elabora “a noção de discurso, de práticas discursivas, de arquivo” (Sargentini, 2019, p.35). Segundo a autora, esse campo de pesquisa extrapola a compreensão tradicional da linguagem, estabelecendo uma relação intrínseca do discurso com o poder e a produção de conhecimento.

A proposição analítica de Foucault não é de fato fundada nas dicotomias linguísticas ou nas análises léxico-gramaticais. Não era seu propósito, tampouco seu métier. O movimento inovador de Foucault está no estudo da emergência dos discursos – discursos filosófico-científicos, por exemplo – nutridos, por sua vez, por uma vontade de verdade. (Sargentini, 2019, p.38).

Diante disso, as contribuições de Michel Foucault são importantes para a compreensão do funcionamento dos discursos nas formações históricas de verdades, saberes e poderes. Sargentini (2019) ressalta a pertinência do pensamento foucaultiano para os estudos do discurso, na medida em que o autor questiona os modos de composição e análise dos arquivos, a estabilidade das obras, os conceitos de originalidade e criação, entre outras reflexões a respeito do método de análise.

Em sua obra “A Ordem do Discurso” (1996), o autor discorre sobre as lutas e os sistemas de poder que se ligam e se constituem a partir dos discursos, os quais produzem as noções, os conceitos e os temas de um momento histórico. Dessa forma, o discurso se dá, para o pensador, como uma produção social e histórica que constrói a realidade de uma sociedade, ou seja, retira a intencionalidade e a centralidade do sujeito. Indo além da materialidade linguística, o discurso é concebido como práticas discursivas que estão envolvidas com práticas sociais.

Nesse contexto, Foucault (2008) delimita a prática discursiva e sua relação com a historicidade, enquanto uma relação não linear:

[...] é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (Foucault, 2008, p.133).

O autor, então, propõe uma análise arqueológica da história, escavando camadas para estabelecer as condições de possibilidade para o surgimento de diversas formas de conhecimento e poder, investigando como os discursos são construídos e autorizados em diferentes épocas e lugares. Estes discursos, portanto, sustentam práticas sociais e institucionais de uma determinada sociedade, como ressaltava Azevedo (2013, p.154) ao dizer que “para Foucault, a história é essencialmente descontínua” e “a história que o arqueólogo traça é a revelação de como as instituições e seus processos econômicos e sociais dão lugar a tipos definidos de discursos” (p.154).

Dessa maneira, Foucault (2008) faz reflexões a respeito da disciplina história e segue sua posição acerca do documento, uma vez que percebe a ausência da interpretação dos fatos e do reconhecimento de valores expressivos. Nesta ampliação do entendimento da história, o autor enxerga o papel desse elemento na produção de formação discursiva, que é construída a partir de condições de possibilidade de contextos históricos específicos necessários para o seu entendimento, ao mesmo tempo que faz parte da compreensão crítica da formação social ao longo do tempo.

Não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época, é preciso considerar as condições históricas para o aparecimento de um objeto discursivo que o garantem “dizer alguma coisa” e se relacionar com outros objetos; o discurso, enquanto um conjunto de enunciados que se apoiam em uma mesma formação discursiva, não possui apenas um sentido ou uma verdade, ele possui, acima de tudo, uma história. (Azevedo, 2013, p.154, v.2)

“Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva” (Foucault, 2008, p. 132). O autor destaca o discurso como uma forma pelo qual o conhecimento é produzido, organizado e disseminado na sociedade, moldando e sendo moldado pelas relações de poder (Foucault, 2008). É possível concluir que o discurso opera como uma ferramenta fundamental para entender como o poder é desempenhado na sociedade e como essas relações, em seus diferentes níveis, são mantidas ou contestadas. Azevedo (2013) explora a importância da arqueologia do conhecimento de Foucault para compreender as formações discursivas, que envolve a investigação das condições históricas e sociais que tornam possível a emergência de certos discursos. O discurso, portanto, situa-se dentro das relações de poder e historicidade, de forma que “o que está em pauta na análise foucaultiana dos discursos é a articulação acerca do que pensamos, dizemos e fazemos caracterizando determinado período, uma vez que o acontecimento discursivo são acontecimentos históricos” (Azevedo, 2013, p.149, v.2).

Foucault (2008) entende a história como múltipla ao desafiar a narrativa tradicional linear e progressiva do entendimento histórico, estabelecendo uma abordagem que reconhece os diferentes contextos sociais, culturais e políticos. O autor realiza esse movimento ao retirar a centralidade do sujeito histórico, ao reconhecer as múltiplas possibilidades de formação de pensamento e ao investigar em níveis microscópicos a vida cotidiana, rompendo com a linearidade e revelando uma heterogeneidade da história.

Diante disso, percebe-se a formulação discursiva enquanto um conjunto de enunciados submetidos a uma mesma regularidade. Para o autor, “um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo” (Foucault, 2008, p. 132).

Para Sousa (2017), para que haja a compreensão da visão foucaultiana de enunciado, é necessário romper com as “formulações da Gramática Tradicional e mesmo da Linguística em suas correntes formalistas, funcionalistas, sociológicas ou psicológicas”, tendo em vista o afastamento da concepção de sentido como formulação própria do autor e da existência de uma conjuntura cultural uniforme. Assim, o enunciado se dá como a materialização do discurso, também chamado como “átomo do discurso” (Sousa, 2017, p.104). Conforme Sousa (2017), essa materialização é uma das condições para que a sequência seja passível de análise e necessita de suporte, lugar e data.

Sendo o enunciado a unidade básica de análise no estudo do discurso, essa definição vai além da ideia tradicional de uma frase, fala ou proposição isolada, uma vez que o estudo direciona-se para o enunciado e suas condições de produção. Foucault (2008) enfatiza que o enunciado não se apresenta como uma expressão do pensamento individual, mas é constituído através de estruturas de poder e conhecimento, refletindo a realidade, mas também contribuindo para sua construção. Diante disso, Sousa (2017) explora como Foucault concebe esse conceito dentro de contextos mais amplos, examinando seu papel na produção e circulação de discursos, além de suas condições sociais e históricas.

As posições de sujeito exploradas por Foucault (2008), os contextos sociais e condições de possibilidade, as relações de poder, entre outros aspectos, conferem ao enunciado características que extrapolam a condição de uma expressão neutra da verdade. Dessa forma, os enunciados possuem suas funções dentro dos sistemas discursivos, participam da construção de práticas sociais e da formação de identidades individuais e coletivas, contribuem para a formação dos regimes de verdade e estão em constante mudança e competição entre si (Foucault, 2008).

Ao examinar o enunciado, Foucault (2008, p.130) considera que a construção requer de quatro elementos para se realizar: referencial, posição sujeito, campo associado e materialidade. Para o autor, o referencial “não é exatamente um fato, um estado de coisas, nem mesmo um objeto, mas um princípio de diferenciação” (idem), em que se enquadram as leis de possibilidade, as regras de existência do enunciado:

O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade.(Foucault, 2008, p.103)

Dessa forma, o referencial é delineado por exclusões e limites que delimitam as formas de utilização dos enunciados. Ademais, a relação entre sujeito e enunciado está na necessidade de atribuir ao último um autor, mas que não possui relação necessária com o sujeito da formulação. Para Sargentini e Navarro (2004, p. 28), “o que torna uma frase em um enunciado é o fato de podermos assinalar-lhe uma posição de sujeito”. De acordo com as considerações da autora diante da teoria de Foucault, o sujeito e o autor do enunciado não são necessariamente idênticos funcionalmente ou substancialmente, de forma que essa posição pode ser ocupada por diferentes indivíduos ao longo de um texto. Ao mesmo tempo, “um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos.” (Foucault, 2008, p. 105).

A respeito do campo associado, Sargentini e Navarro (2004, p.28) afirmam que o enunciado para Foucault coexiste com uma série de outras formulações, das quais não pode ser desassociado. A trama de outros enunciados constitui o contexto do elemento analisado, os quais podem ser reafirmados, modificados, adaptados, repetidos, entre outras relações possíveis. Para a autora, o enunciado sempre estabelece uma ligação com o passado e com o futuro, conferindo uma historicidade na geração de sentidos. Portanto, não é possível a existência de um enunciado isolado, de forma que sempre fará parte de um conjunto e desempenhará um papel em um jogo enunciativo.

Ainda, segundo Foucault (2008, p.111), o campo associado forma uma espécie de conversação “limitada, de um lado, por suas premissas, do outro, por sua conclusão”, dando origem a efeitos e sucessões e afastando-se das construções gramaticais, que utiliza apenas elementos e regras para construir uma única frase que não extrapola.

A quarta condição para a análise de uma sequência de elementos linguísticos enquanto enunciado é a materialidade, vista por Foucault (2008, p. 112) como uma marca necessária na memória e no espaço. Para o teórico, pensar a materialidade não é somente se deter na superfície de inscrição, mas como a própria materialidade é constitutiva dos enunciados. O enunciado também se modifica pela forma como é articulado, em termos de tempo, suporte material, lugar, substância. Sargentini e Navarro (2004, p. 31) ressaltam o regime de materialidade repetível, no que diz respeito à possibilidade desta existência material ser utilizada pelos enunciadores, em “possibilidades de reinscrição e de transcrição”. A identidade do enunciado precisa levar em consideração seu status material, a ordem de sua instituição, bem como a localização espaço-temporal.

O aparecimento de certos enunciados e o silenciamento de outros, em dado momento histórico, fazem parte de estratégias que controlam os sentidos e as verdades. São condições de possibilidade que delineiam as formações discursivas que sustentam os saberes em circulação de uma época. Para Foucault (1996), existem, ainda, procedimentos que determinam condições de funcionamento do discurso, que impõem determinadas regras aos sujeitos que pronunciam e não permitem que entrem na ordem do discurso aqueles que não obedecem a um conjunto de princípios de rarefação.

Dessa forma, nem todas as áreas do discurso são expostas e penetráveis, configurando um ordenamento social e histórico, que regula seu funcionamento, por meio de rituais e espaços determinados. O valor de verdade do discurso permanece intrinsecamente ligado às possibilidades de surgimento e às práticas de saber-poder.

3.1 SABER, PODER E VERDADE

Navarro (2008) explica como Foucault contrapõe a sua noção de história com o método tradicional, incluindo a concepção de poder nessa fundamentação. O autor sinaliza como esta concepção afasta-se da teoria marxista, responsável por associar o poder aos aparelhos do Estado, e considera o poder como presente em diferentes níveis da sociedade, “configurando uma rede complexa de micro-poderes” (Navarro, 2008, p. 63). Essa dimensão da noção de poder representa as lutas e resistências que ocorrem também em diferentes estratos sociais, e não pertence a um único detentor, uma vez que o poder é exercido por diferentes posições, configurando uma teia complexa de relações que permeiam todas as instituições (Navarro, 2008).

Os mecanismos de interdição presentes na sociedade delimitam o que pode ser dito por direito e em quais circunstâncias, se cruzam, se reforçam ou se compensam na formação de um sistema. Para Foucault (1996), as regiões da sexualidade e da política, por exemplo, representam espaços em que essa grade cerrada atua no discurso, que por sua vez exerce seus poderes de modo privilegiado, revelando suas ligações com o desejo e com o poder. Gregolin (2007) ilustra os efeitos da materialidade da linguagem, produzidos quando os sujeitos utilizam as formas da língua e as inserem nas lutas sociais pelo sentido.

A linguagem deixa de ser pura forma e adquire historicidade. Por isso é perigoso entrar na ordem do discurso, porque nunca se diz nada por dizer, porque o simples fato de dizer já insere o dito no fluxo da história e dos poderes.(Gregolin, 2007, p.22, v.4)

Para Foucault (1996), a vontade de verdade se reforça e se aprofunda ao longo dos séculos, ainda que seja pouco discutida, uma vez que é mascarada por sua verdade e seu jogo de desejo e poder. Esses produtos discursivos aceitos como verdadeiros estabelecem-se em cada momento histórico, que se deslocam e variam as práticas e condutas da sociedade em que estão inseridos.

Navarro (2008, p.63) ressalta o aspecto positivo das relações de poder, uma vez que “produz saberes, induz ao desejo” . A relação dos discursos com os saberes para Foucault é explicada por Azevedo (2013), que determina o saber como uma construção histórica, que “produz verdades que se instalam e se revelam nas práticas discursivas” (p.149, v.2). Sendo assim, o poder inclui saberes, científicos ou não, que permitem e amparam o próprio exercício do poder em determinada sociedade.

A produção dos saberes e dos discursos que os fundamentam constituem um movimento histórico que, assim como explica Azevedo (2013), determinam o conhecimento e a verdade de uma época, uma vez que são aceitos. O conjunto de regras e práticas de determinado período sustentam, então, os regimes de verdade que constituem os saberes, os quais modificam-se em meio ao embate de discursos socialmente construídos.

Nas reflexões dos Estudos Discursivos Foucaultianos, as relações entre discurso, saber e poder são fundamentais para entender a formação dos regimes de verdade em uma sociedade. Os jogos de poder que ocorrem no interior dos enunciados contribuem para a produção de regimes de verdade, sustentados por questões de origem social, cultural, econômica, política, entre outras, determinando quais discursos são legítimos ou não (Foucault, 1996). Para o autor, esses regimes de verdade promovem determinadas

perspectivas, ao passo que excluem outras, determinando a compreensão da realidade de um determinado povo ou época, sendo, portanto, mutáveis de acordo com as relações de poder vigentes.

Para Foucault, citado por Mendes (2020), os regimes de verdade estão relacionados com as suas possibilidades históricas de surgimento, dependendo da cadeia discursiva e dos jogos de poder com os quais está ligado. Para a institucionalização de uma verdade, é necessário, ainda, “um aparato político ou econômico para sua produção e dispersão, pois ela sempre irá derivar de uma incitação ao poder político ou a produção econômica” (Mendes, 2020, p.30).

Sendo assim, no que se refere ao tema desta pesquisa, nota-se a relevância de se abordar as relações de confronto que envolvem a construção de discursos verdadeiros e suas relações com os saberes e poderes, como será analisado na monografia por meio das regularidades discursivas observáveis na entrevista concedida por Luiz Inácio Lula da Silva em 2021. Imerso no discurso político, este estudo percebe que “não podem ser dissociados da prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos” (Foucault, 1996, p.39).

3.1.1 Discurso Midiático

O funcionamento midiático como é observado hoje, fortemente marcado pela internet e outras ferramentas digitais, é posterior aos escritos de Michel Foucault, conservando, porém, diferentes fundamentos destacados pelo autor. Mendes (2020), ao explorar Foucault, expõe a presença de instituições discursivas que participam das relações de poder e contribuem para a manutenção ou contestação de verdade, tais como “a escola, a família, o hospital, a clínica e, de forma mais recente, a mídia” (2020, p.28). A produção e circulação de discursos por meio dessas instituições produzem regimes de verdade e moldam a percepção pública diante de questões sociais, culturais e políticas, influenciando crenças e comportamentos (Foucault, 1996).

Dessa forma, os regimes de verdades emergem de condições históricas e relações de poder que favorecem ou marginalizam determinados discursos. As formações discursivas beneficiadas no interior do funcionamento midiático, por meio de diversos produtos e formatos, atingem grandes contingentes de pessoas e participam de forma ativa nas disputas de poder. Com a emergência do meio digital, o potencial de alcance das produções midiáticas

alcançou novos patamares, como já debatido anteriormente nesta pesquisa, representando uma instituição contemporânea importante na circulação de discursos na sociedade.

4 PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE

Conforme já exposto, a presente pesquisa está inserida nos Estudos Discursivos Foucaultianos, e busca responder a questão: “Como o sujeito discursivo Luiz Inácio Lula da Silva se constrói discursivamente na entrevista ao canal de podcast Podpah?”.

Entende-se que a análise se inicia já na escolha das sequências enunciativas que constituem o corpus, seguida de dois gestos metodológicos, descritos por Navarro (2008, p.63):

- 1) isolar a instância do acontecimento para relacioná-lo não à atividade de um autor, de uma obra, da tradição ou espírito de época, mas a outros enunciados;
- 2) recortar uma série enunciativa para verificar as relações entre os elementos dessas séries e o modo como elas significam, constroem, produzem sentidos sobre o acontecimento.

Para tanto, realizaram-se a coleta, a escuta atenta e a seleção de séries enunciativas relevantes para a análise. Foram selecionadas as sequências enunciativas em relação às regularidades discursivas observáveis na materialidade; especificamente, o olhar analítico se deteve sobre as sequências discursivas em que se observa uma dada escrita de si do sujeito Lula.

O enunciado analisado se refere a todo o 295º episódio² do canal de podcast Podpah, que, na plataforma de áudio Spotify, tem duas horas e dezenove minutos de duração. No episódio, são abordados temas distintos, por meio dos dois entrevistadores Igor Cavalari e Thiago Marques. O entrevistado, Luiz Inácio Lula da Silva, discorre sobre diferentes questionamentos, adentrando pautas pessoais e profissionais.

Diante disso, compreende-se um método que busca por regularidades, afastando-se do sujeito em si.

A discursividade tem, pois, uma espessura histórica, e analisar discursos significa tentar compreender a maneira como as verdades são produzidas e enunciadas. Assim, buscando as articulações entre a materialidade e a historicidade dos enunciados, em vez de sujeitos fundadores, continuidade, totalidade, buscam-se efeitos discursivos (Gregolin, 2007, p.15)

Para Gregolin (2007), a abordagem das relações entre linguagem, sujeito, discurso e história deve investigar noções que surgem em determinado momento e possuem efeitos práticos, questionando as condições de possibilidade histórica para o surgimento do enunciado analisado. Para isso, considera-se a noção de discurso, segundo a autora, como um

jogo estratégico, responsável por constituir saberes históricos e que se articula com outras práticas não-discursivas.

Não é o intuito desta pesquisa analisar a materialidade sonora do corpus considerando todos seus elementos constituintes, tais como tom de voz, sonoplastia e outros elementos produtores de sentido, em função do prazo destinado a sua construção. Dessa forma, o foco é concentrado na materialidade linguística, a partir das sequências enunciativas mobilizadas para o movimento de análise.

A partir da descrição e interpretação dos enunciados definidos como corpus da pesquisa, foi possível observar as regularidades discursivas que delineiam técnicas de si, de como o sujeito Lula se constrói ao tornar-se objeto do qual se fala. Compreende-se que as regularidades discursivas são estratégias de regulação, de funcionamento dos discursos, ou seja, são modos pelos quais o discurso se constrói, circula, funciona. Não obstante, o levantamento e a nomeação de tais regularidades são, de antemão, o resultado do próprio movimento analítico da pesquisadora.

Sendo assim, como próprio de um gesto analítico, foram observados quatro regularidades discursivas: eu rememorador; eu Estadista; eu e os outros; eu contestador. Como explicitado, a partir delas, foi possível agrupar sequências de enunciados construídos ao longo de todo o curso da entrevista analisada. Diante do aparato teórico, a análise estabelece reflexões pertinentes ao objetivo da pesquisa e relacionadas a cada um dos tópicos.

4.1 EU REMEMORADOR

O “eu rememorador” é uma das regularidades observáveis na entrevista analisada, e diz respeito aos momentos em que o sujeito Lula retorna às experiências anteriores de sua vida associadas à pobreza e ao sofrimento. Segundo a biografia do atual Presidente da República [2023], disponibilizada na plataforma digital Gov.br, Luiz Inácio Lula da Silva veio de uma família de sete irmãos que, em 1952, migrou em um caminhão “pau de arara” para São Paulo para escapar da seca e da fome. Lula morava com a família em um cômodo nos fundos de um bar e aos 12 anos iniciou seu primeiro emprego em uma tinturaria, atuando posteriormente como engraxate, office-boy e metalúrgico. Ainda de acordo com a referida biografia, a vida política de Lula foi marcada por programas de distribuição de renda e esforços voltados para pautas sociais.

Na história política do Brasil, é possível observar o caráter popular da figura do Presidente e sua relação histórica com as camadas em situação de vulnerabilidade social da

sociedade brasileira, delimitando condições históricas para a emergência de enunciados que reforçam essa identificação. Observamos como nesse processo de rememoração se realiza uma dada construção de si marcada por um retorno ao passado, uma construção da subjetividade fortemente atrelada à memória, como no excerto abaixo:

Eu morava em uma ribanceira que quando eu saía para trabalhar eu colocava galocha (...) Eu colocava aquilo para poder atravessar no barro, chegava na padaria, tirava minha galocha, embrulhava no jornal, colocava embaixo do braço e ia trabalhar. Lavava na fábrica, chegava na padaria e colocava a galocha. Eu morava em um lugar desgraçado (Lula, 2021, 34 min 30 seg).

Quando eu morava em Garanhuns eu tinha sete anos de idade. Eu ia buscar pote de água no açude [...] Você é obrigado a ficar separando a água com a mão, pegando com a caneca e enchendo o pote. Aí leva pra casa aquela água suja, coloca em um pote para assentar, passa em um coador. A gente nem sabia ferver a água, aí você pegava esquistossomose com muita facilidade, porque tem caramujo na água (Lula, 2021, 89 min 25 seg).

O político ressalta, com frequência, aspectos de sua identidade voltados para sua juventude trabalhadora, que reproduzem efeitos de superação quando contrastados com as conquistas políticas alcançadas por ele durante sua atuação, mencionadas a partir de uma segunda regularidade abordada à frente. Segundo a Síntese de Indicadores Sociais 2023 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o contingente de pessoas situadas na pobreza em 2022 era de 67,8 milhões de pessoas e 12,7 milhões na extrema pobreza, considerando os parâmetros do Banco Mundial para os rendimentos, concentradas, principalmente, na região Nordeste. Entre as pessoas com até 14 anos de idade, o estudo verificou que 10% eram extremamente pobres e 49,1% eram pobres, ao passo que entre os idosos (idade acima de 60 anos) a proporção é de 2,3% e 14,8%, respectivamente (IBGE, 2023).

Durante a década de 1970, período em que Lula atravessava seus vinte e cinco anos, os dados são mais expressivos. Segundo a pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Altos Estudos, a respeito dos índices de pobreza do Brasil dos anos 1970 a 2011, a taxa de analfabetismo no início do período analisado era de 33,6% e os indicadores de pobreza representavam 68%, os quais eram compostos em sua maioria pela população nordestina. Na década seguinte, a extrema pobreza ultrapassou 16%, atingindo mais de 20 milhões de pessoas (INAE, 2013).

A partir desses dados, que carregam de algum modo vestígios dessa história heterogênea do Brasil, observa-se como essa construção de si se dá em um jogo com o efeito

de identificação e conexão com grande parcela da população brasileira, em decorrência das experiências com a fome e pobreza. Assim como elucidada Foucault (2008), todos os discursos se configuram em uma relação entre história e memória, de forma que os enunciados de Lula se sustentam a partir de outros enunciados, das condições de possibilidade históricas em que se efetivam e de momentos da história aos quais faz referência. Observa-se outro momento em que o enunciador Lula se estabelece enquanto sujeito que rememora suas origens e suas vivências, atreladas aos ideais que defende e suas lutas históricas:

Eu fui comer pão pela primeira vez com sete anos de idade. O meu café da manhã era uma cuia de farinha de mandioca com café preto. Pão era quando estava doente. Eu levava marmitta quando eu trabalhava na Villares, às vezes não tinha nem um ovo pra colocar dentro, era só feijão e arroz (Lula, 2021, 57 min 16 seg).

Minha mãe teve oito filhos. Ela criou esses filhos sozinha. Não foram poucas as vezes em que a gente não tinha o que comer em casa. Eu morava no fundo de um bar. O banheiro que a gente utilizava era o banheiro que os bêbados do bar utilizavam (Lula, 2021, 71 min 20 seg).

A humildade se produz como um efeito de verdade neste excerto, dividindo espaço com o teor de superação que valoriza as conquistas do político e conferem valor positivo à delimitação de si. Ao distanciar-se das camadas burguesas e historicamente dominantes politicamente, observamos como esse sujeito estabelece uma diferenciação que, aproximada das classes populares e majoritárias numericamente no país, busca o definir como uma figura política popular e do popular.

Para Foucault (2008), os discursos se constituem em meio às relações de poder, ao passo que contribuem para essa movimentação em diferentes âmbitos da sociedade. No campo da política, as tensões são marcadas historicamente e se reproduzem na esfera discursiva, como é possível analisar na sequência em que Lula narra sua participação na Cúpula de Evian, na França, em 2003, a convite do G7 (grupo formado por Alemanha, Itália, Estados Unidos, Canadá, França, Japão e Reino Unido):

Você fica inibido, você fica com vergonha. E eu comecei a pensar, a olhar para a cara de cada um deles. Quem desses caras já passou fome? Ninguém. Quem desses caras aqui já trabalhou no chão de fábrica? Ninguém. Quem desses caras aqui já viu dentro da sua casa um metro e meio de água com rato tentando se salvar, com barata tentando se salvar (...) Eu aqui sou mais eu, não são eles que tem que falar comigo, sou eu que tenho que falar com eles (Lula, 2021, 73 min 29 seg).

Retomando as reflexões sobre “posição sujeito” feitas por Sargentini e Navarro (2004, p. 28), podemos refletir que “o que torna uma frase em um enunciado é o fato de podermos assinalar-lhe uma posição de sujeito”. Na sequência enunciativa, há uma dada posição sujeito que, ao passo em que busca rememorar o passado de sofrimento e de uma realidade distinta dos demais políticos do G7, pode funcionar como um traço distintivo e de efeito positivo aos demais sujeitos envolvidos, valendo-se de suas vivências pessoais de angústia, comuns a muitos brasileiros, como visto anteriormente. A “inibição” e a “vergonha” são inseridos como sintomas de inferioridade, que se deslocam em um processo de ressignificação. O tratamento dos demais como “esses caras” transfere uma mudança de perspectiva, em que o passado marcado pela pobreza e pela carência passam a representar aspectos de honra, orgulho e admiração.

Dessa forma, no plano discursivo, busca-se criar um efeito de identificação com a maior parcela da população brasileira e de valorização de suas conquistas em virtude da superação de obstáculos, que buscam distanciar a figura de Lula de outros grupos específicos de sujeitos políticos, configurando sua imagem enquanto político popular e preocupado com questões sociais, principalmente as relacionadas à desigualdade econômica. As regularidades observadas estendem-se, ainda, para outras esferas, como o retorno de Lula aos grandes feitos alcançados durante o tempo em que atuou na vida política.

4.2. EU ESTADISTA

Outra regularidade que observamos no objeto analisado denominamos de “eu Estadista” e faz referência aos momentos em que o sujeito, ao falar de si, retoma conquistas e acontecimentos importantes no ambiente político em que esteve presente, centrados nas ações que pode realizar enquanto chefe de Estado. Compreendemos o quanto essa regularidade que, neste caso, também poderíamos delimitar como uma posição-sujeito, faz-se presente neste funcionamento discursivo em que o sujeito, sempre múltiplo e heterogêneo, constitui-se como um Estadista. Esta posição possibilita seu dizer, o constitui de uma determinada forma.

As menções aos feitos anteriores possuem a particularidade do teor de coletividade, que reproduz efeito relevante sobre a subjetividade construída discursivamente. Ao relembrar e valorizar as realizações, a possível posição sujeito de um herói individual busca funcionar como uma autoria atrelada ao Estado brasileiro como um todo, como observamos na sequência abaixo, em que Lula se refere ao programa Bolsa Família:

O Bolsa Família não era um programa do Lula, era um programa do Estado brasileiro. O Bolsa Família foi eleito por diversas vezes como o melhor programa de transferência de renda do mundo. A ONU cansou de indicar o Bolsa Família como modelo de programa de transferência de renda para as pessoas, porque ele tinha condicionantes (Lula, 2021, 46 min 2 seg).

Ao utilizar o termo “Estado brasileiro”, o enunciado convida toda a comunidade, incluindo os ouvintes e espectadores, a participarem e se incorporarem nas realizações. Os sujeitos então se sentem componentes ativos no aperfeiçoamento do país, reforçando um sistema de democracia e preocupação com o bem-estar social. É possível notar a formação de uma amálgama composta por população e governo, que trabalham movidos pelos mesmos interesses, ao passo que o fracasso desses interesses afeta a todos. Ao tratar do programa, o político fala de si, atrelando os reconhecimentos, qualificações e impactos ao seu período de gestão e seus propósitos em conjunto com o coletivo.

Retomando as reflexões de Gregolin (2007) acerca do discurso, a autora destaca a presença de um jogo estratégico que se articula com outras práticas não-discursivas, estabelecendo uma relação entre os discursos que circulam na sociedade e a construção dos saberes. Os discursos dominantes, portanto, têm papel na formação e perpetuação de memórias discursivas que filtram como os eventos do passado são lembrados e interpretados. As disputas de poder no interior dos discursos são observáveis em diferentes campos, incluindo o da política, que vivencia o constante silenciamento de discursos, em favorecimento de outros.

Nas enunciações do sujeito Lula, percebe-se a prática discursiva de recuperar os anos de mandato e de se constituir a partir deles, delimitando seu “eu Estadista”, caracterizado pelo senso de comunidade que se expressa de diferentes formas, como pelo uso da terceira pessoa do plural:

Quando nós assumimos o governo, o Brasil tinha três milhões e meio de Universidades, quando nós deixamos, tinha oito milhões de Universidades. Nós criamos o PROUNI para garantir bolsas para os jovens pobres da periferia que não podiam estudar. Nós garantimos um FIES com um financiamento do Estado para garantir que filho de pobre que tivesse que pegar dinheiro emprestado para pagar a Universidade pudesse tomar. Nós fizemos em treze anos mais escolas técnicas do que foi feito de 1909, quando foi feita a primeira em Campo de Boitá, no Rio de Janeiro, até a hora que eu cheguei na Presidência. Nós fizemos mais de 450 escolas técnicas contra 140 que fizeram em um século (Lula, 2021, 54 min 08 seg).

Durante o enunciado, o Presidente não deixa explícito a quem se refere, permitindo que se restrinja a interpretação aos membros do partido ou amplie a toda sua rede de apoiadores, incluindo a sociedade civil. O uso do “nós” mais uma vez funciona como uma integração e um convite ao comunitário, ao passo que se afasta do individual e do impositivo, deixando marcas na linguagem. O “nós”, não obstante, opera aqui como uma interpelação ao outro, aos sujeitos, para que ali se vejam, se reconheçam como partes integrantes do governo, de um lado, mas também se reconheçam na própria figura do enunciador. Essas ferramentas, portanto, delimitam a formação de um “eu Estadista” social que partilha de vitórias e derrotas em uma espécie de união. O enunciado opõe-se aos autoritários e dominantes, por meio do sentido de harmonia. A partir dessas condições, há uma dada escrita de si amparada em elementos históricos que remetem ao coletivo e ao prestígio.

Para Foucault (2008), a posição-sujeito não é uma entidade fixa, mas fluida e que se molda por meio de processos sociais e discursivos. Nos enunciados analisados, para além do efeito de coletivo, do “nós” e do “social”, Lula se coloca, junto aos demais que se associam a ele, em uma posição-sujeito de autoridade, que evidencia uma relação de poder e credibilidade e explora seu viés enquanto chefe de Estado.

A dívida pública quando eu cheguei na presidência era 60% do PIB. Nós deixamos 34%. Caiu pela metade a dívida pública. Nós devíamos 30 bilhões para o FMI. Pagamos 30 bilhões e ainda emprestei 15 bilhões para ele. E mais ainda, deixamos 370 bilhões de dólares de reserva no Banco Central. Quem é que fez isso? Foi o partido dos trabalhadores. Quem é que fez isso? Foi um governo que tinha um metalúrgico presidindo. (Lula, 2021, 77 min 3 seg).

Em dezembro de 2010 eu fiz a maior história da humanidade na capitalização da Petrobrás. Foi a maior capitalização do sistema capitalista, não foi em Nova York, não foi em Pequim ou em Hong Kong, não foi em Tóquio. Foi em São Paulo. Em São Paulo nós capitalizamos a Petrobrás e ela passou a ser a segunda empresa de energia do mundo. A gente investia três bilhões em pesquisa, passamos a investir trinta ou quarenta bilhões em pesquisa. Por que nós encontramos o pré sal? (Lula, 2021, 125 min 7 seg).

Por meio da expressão “metalúrgico presidindo”, Lula faz uma auto referência e demarca a posição de liderança inerente do lugar de chefe de Estado. O sujeito delimita um exercício de poder que o constitui e que reforça sua credibilidade. Nesta direção, as relações do discurso com o poder estão associadas a produção de regimes de verdade, que determinam os enunciados legítimos e são disseminados por diversas instituições (Foucault, 1996).

A mídia, aqui na plataforma digital e sonora, exerce seu papel de circulação de discursos, que contribuem para a construção de verdades. Para Dorne e Navarro (2014), a

mídia é um agente que produz e dissemina informações, responsável pela formação de saberes e exercício de poder. Na construção identitária, os meios jornalísticos priorizam características, ao passo que apagam outras, dispondo os sujeitos por meio de representações e subjetivações (Dorne, Navarro, 2014). Para os autores, o discurso jornalístico insere-se em uma ordem discursiva, que delimita identidades a partir de condições históricas, locais institucionais, formações e estratégias.

Em consonância, Navarro e Voss (2011) assumem que os discursos da mídia estão relacionados com vontades de verdade, que delineiam e transformam os objetos de discurso por meio das materialidades. Segundo os autores, a mídia e a política possuem o poder de manutenção dos “discursos verdadeiros”, que determinam efeitos práticos do entendimento da realidade em uma sociedade.

Ao noticiar os resultados das ações sociais das empresas, as campanhas publicitárias oferecem credibilidade também aos produtos vendidos por elas. Trata-se de uma estratégia diferente, que permite compreender que o próprio lugar publicitário delimita e especifica o funcionamento do objeto do discurso no nível enunciativo (Navarro; Voss, 2011, p.77).

Na entrevista analisada, ao dar visibilidade para os resultados de ações políticas de Lula, o podcast Podpah confere credibilidade para a própria imagem do sujeito, que na época vivenciava um período pré-eleitoral. Junto a esse lugar próprio de exercício de poder que é o campo midiático, as relações do discurso com o saber-poder se materializam por diversos caminhos e a partir de diferentes elementos, incluindo o uso de dados:

Durante o nosso governo, nós colocamos cinquenta e dois milhões de hectares de terra para fazer reforma agrária. Cinquenta e dois milhões de hectares de terra é 51% de tudo que foi feito de distribuição de terra nesse país desde que o país foi descoberto. Eu estou dizendo isso porque o que nós fizemos foi muita coisa (Lula, 2021, 88 min 48 seg).

Eu fui Presidente por oito anos. Quando eu cheguei na Presidência da República a inflação estava a 12 e o desemprego estava a 12. Em 2014, quando a Dilma deixou o governo, o desemprego estava em 4,7%, o menor da História do Brasil. Eu aumentei o salário mínimo em 74% (Lula, 2021, 60 min 31 seg).

O estabelecimento de certos enunciados em detrimento de outros faz parte de estratégias que controlam os sentidos e as verdades. Como explica Azevedo (2013), o valor de verdade do discurso é intrinsecamente ligado às práticas de saber-poder, que constituem o

conhecimento de uma época. Este valor de verdade é corroborado pelo Presidente por meio de estatísticas que validam seus feitos e o constroem como um Estadista. Nos excertos acima e nos demais mencionados nesta subseção é possível observar a menção aos feitos por meio de dados, que constituem sua posição de autoridade perante o público. Os números operam no campo do contexto “logicamente estabilizado”, que minimiza as possibilidades de dúvidas ou questionamentos. O campo da evidência é trabalhado de forma a instituir clareza e tornam seus efeitos inquestionáveis, por meio do que dizem os números. O reconhecimento enquanto chefe de Estado é feito por meio de ações concretas, visíveis nos verbos “colocamos”, “fizemos”, “aumentei”, que se relacionam com o discurso e o sustentam.

A retomada desses saberes contribuem para a construção dos regimes de verdade amparados pelo enunciado, que transformam as noções da comunidade. Ao elencar os números e as estatísticas, o sujeito se constrói discursivamente por meio de uma estratégia de legitimidade e delimita sua autoridade. Os dados são localizados historicamente em adjetivações como “o menor da História do Brasil” ou “51% de tudo que foi feito de distribuição de terra nesse país desde que o país foi descoberto”, de forma a estabelecer comparativos numéricos que sustentam seu dizer. A relação do discurso com as práticas de saber-poder, então, são observáveis nesta dada constituição de si do sujeito Lula, que se erige em seu lugar político, social e histórico de chefe de Estado.

4.3 EU E OS OUTROS

Ainda diante das reflexões sobre os regimes de verdade e as relações de poder que estão nessa constituição de si, outra regularidade analisada é a delimitação que o sujeito faz entre si e os outros. Em diferentes momentos, o sujeito se posiciona por e em meio de uma comparação com o que não se é, demarcando seu lugar no jogo político.

Em consonância com Azevedo (2013), para Silva e Sousa (2007), enunciados participam da constituição dos sujeitos e de esferas de micropoderes que se deslocam, instituindo novas formas de poder, novos enunciados e novas resistências. Segundo as autoras, as figuras políticas disseminam seus discursos nos canais midiáticos e, por meio de uma dramatização, privilegiam determinados temas e discussões, ancorando-se em valores construídos historicamente. Estes valores são baseados em práticas e saberes da esfera científica, religiosa, política e formulam os embates de poder da sociedade marcada por

diferenças. Durante a entrevista analisada, ao narrar um encontro com uma catadora de papel reciclável, Lula destaca:

De direita é quem defende o rico, de esquerda é quem defende os pobres. E esse é um dado concreto. A direita defende o patrimônio, o seu status quo, ninguém está preocupado com a desigualdade. O mundo produz mais alimento do que o povo pode consumir. Por que tem oitocentas milhões de pessoas passando fome? Por que aqui no Brasil tem dezenove milhões de pessoas passando fome, quando nós acabamos com a fome em 2012? (Lula, 2021, 37 min 44 seg).

O sujeito Lula demarca a oposição entre os elementos aos quais se associa e aqueles que considera reprováveis, demarcando uma disputa de poder histórica no campo político. Os dados são utilizados para comprovar saberes, de forma a constituir os efeitos de verdade, que estabelecem uma arena com personagens em uma oposição entre bem e mal, em que o Presidente se aloca em uma posição de autoridade.

Ao utilizar os termos “direita” e “esquerda”, o entrevistado se refere aos dois extremos do espectro político, usado para enquadrar ideologias e partidos. Tal enunciado mobiliza, então, os processos de significação históricos sobre o que se denomina, se compreende como “direita” e “esquerda”. Ou seja, este enunciado é um nó em um campo associado que o liga a inúmeros outros enunciados históricos que buscam delimitar e enquadrar esses “lugares” políticos.

Por exemplo, podemos tomar o estudo de Madeira e Tarouco (2011) como um destes enunciados. Para os autores, após o fim do regime militar, o significado de esquerda-direita no Brasil esteve ligado à associação ou não dos partidos ao regime autoritário, que levou os grupos considerados de direita ao esforço para desvincularem suas imagens nos próximos anos. Posteriormente, esta divisão se relacionou com a dimensão econômica (privatizações/interferências) e com a dimensão liberal-conservadora, relacionada às políticas sociais (Madeira, Tarouco, 2011). Diante deste referencial histórico e das condições que possibilitam o discurso, o enunciado retoma esses valores e saberes na definição que o sujeito realiza do termo “direita”, associada a manutenção do “status quo” e “esquerda”, aliada às políticas progressistas e de redução da desigualdade.

O sujeito então se insere no que ele denomina de “esquerda” e constitui-se por meio da preocupação com a desigualdade e defesa dos pobres, em suas próprias palavras. O enunciado estabelece indagações de caráter lógico, que estimulam o público a interpretar e a

posicionar-se também na arena política. A partir disso, há uma dada construção de si a partir da contraposição de elementos, marcados aqui pelo perfil político e ideológico.

Paralelamente, o enunciado se realiza na ligação com outros enunciados, dentro do campo associado, que, para Sargentini e Navarro (2004), representa um conjunto de outros enunciados indissociáveis que se relacionam de diferentes formas. Para os autores, os enunciados se ligam com o passado, a concomitância e o futuro, formulando sentidos e desempenham um papel no jogo enunciativo. Dessa forma, este enunciado de Lula estabelece ligações com outros enunciados, aos quais faz referência, corrobora, silencia, nega, se contrapõe etc., como a seguinte reflexão histórica de Tarouco e Medeiros (2011):

Delegados identificados com igualitarismo e reforma social se sentavam à esquerda do rei; delegados identificados com aristocracia e conservadorismo, à direita. A distinção original entre defesa da ordem ou da mudança correspondia a uma disposição espacial e ao longo do século XIX na Europa a distinção entre esquerda e direita passa a ser associada com a distinção entre liberalismo e conservadorismo. Com a expansão do movimento operário e a difusão da perspectiva marxista o conteúdo da posição de esquerda passa a incorporar a defesa dos interesses da classe proletária. (Tarouco, Medeiros, 2009 apud Tarouco, Medeiros 2011, p. 174).

É possível observar como os discursos se relacionam em uma teia complexa da formação dos regimes de verdade que caracterizam uma época, amparados por noções históricas e saberes que constituem uma relação indissociável dos discursos. Para Foucault (1996), os regimes de verdade se relacionam com as sistemáticas de poder vigentes e conduzem os saberes e percepções da sociedade diante de situações, problemas e figuras.

Na entrevista veiculada, os enunciados analisados procuram construir esse lugar de um político responsável, atento às necessidades da população, a partir da sua inscrição e funcionamento na pandemia do COVID-19. Em dado momento, o entrevistado ressalta as medidas que teria tomado caso estivesse no poder durante o enfrentamento do vírus, como a criação de um comitê de crise, a compra de vacina, o incentivo do uso de máscaras:

Se você tivesse um governo sério, isso teria acontecido. Agora você tem um governo que achou que era uma gripezinha, um governo que achou que se usasse máscara virava homosssexual. Você tem um psicopata mentindo para o país com fake news todo dia. Não é normal. Nós precisamos recuperar a esperança (Lula, 2021, 59 min 10 seg).

O enunciador caracteriza o que considera um “governo sério” e, por meio dessa valoração, estabelece-se enquanto político, em que o eu se constrói em oposição a um outro.

O enunciado realiza o contraste entre o “normal” e a “psicopatia”, o “sério” e o “irresponsável”, constituindo o sujeito enquanto um governante consciente e sensato, encarregado de trazer de volta a “esperança”. A partir da valoração negativa do outro, o sujeito Lula se auto determina, a partir da menção e da retomada de ações e feitos do seu histórico político.

Os saberes que sustentam os regimes de verdade desempenham um papel importante no jogo cerrado de poder da esfera política, que permanece em constante transformação, uma vez que o poder em si não pertence a uma parte ou outra, mas se materializa por meio de práticas e relações (Foucault, 1996).

Com a expansão da pandemia do COVID-19, a comunidade global depositou atenção no campo dos saberes científicos, que delimitam os discursos autorizados ou não a versar sobre temas da saúde, e passou a vivenciar uma polarização. Para Goulart e Munoz (2022), a pandemia evidenciou problemas de ordem informacional que, no cenário brasileiro, sofreram fortes impactos provenientes da politização da crise sanitária e provocaram efeitos de polarização política e disseminação de conteúdo desinformativo, principalmente nas redes sociais. As autoras defendem que a opinião pública foi mobilizada, através de discursos de ordem econômica, ideológica e moral, de forma a repercutir posicionamentos diversos.

A emergência de diferentes narrativas acerca da doença e de seus possíveis tratamentos iniciou uma luta pela construção de efeitos de verdades, amplificada pelos meios de comunicação, que dividiram a sociedade em grupos. Identificar-se em um grupo específico dentro desta arena acarretava consigo características políticas, sociais, culturais e religiosas diversas, representando um forte posicionamento discursivo na construção de si, marcado pelo que se é e, principalmente, pelo que não se é.

Este cenário foi responsável por intensificar as batalhas discursivas nos meios de comunicação, ampliando o papel das redes sociais digitais e do debate público. A sociedade entrou em embate direto, em constante questionamento do verdadeiro e do falso, da verdade e da mentira. No campo político, as principais figuras do país e seus apoiadores participaram da mesma sistemática, refletindo nos discursos analisados:

A única coisa que ele (Jair Bolsonaro) trabalha é para fazer fake news e para contar mentiras. Ele conta cinco mentiras por dia, um filho conta seis, o outro conta sete e o outro conta oito. Então, a carga de mentiras é uma loucura que eles contam. Mas ele não é de trabalhar muito. (Lula, 2021, 75 min 3 seg).

Ao analisar a materialidade do discurso, coloca-se em suspenso as marcas como o uso dos pronomes “ele” e “eles” e o termo “filho” na substituição dos nomes próprios para se referir aos opositores. Há um distanciamento linguístico em relação à esfera na qual se encontram esses sujeitos aos quais se refere, restringindo sua posição no embate polarizado da sociedade brasileira. Ao comparar este funcionamento com o “eu Estadista” do discurso, é possível observar a demarcação destes polos, uma vez que o pronome “nós” é utilizado na aproximação de um determinado coletivo, localizado historicamente, enquanto o “eles” representa o outro, do qual o enunciado busca se distanciar.

As relações de poder e as disputas pelos regimes de verdade são elementos recorrentes na regularidade observadas, nas quais o sujeito busca delimitar suas características pessoais e políticas por meio da assimetria. Ao repudiar as fake news do adversário, o enunciador reafirma sua integridade diante do povo brasileiro, construindo-se discursivamente em comparação com o que ele não pretende representar. Ademais, estão presentes outras perspectivas que constroem o discurso ao longo da entrevista e produzem diferentes efeitos, como o “eu contestador”, que demarca o lugar de oposição do sujeito no contexto histórico, e que, sobremaneira, articula-se com as demais regularidades até então apresentadas nesta pesquisa.

4.4 EU CONTESTADOR

Por fim, é possível notar, com frequência, o funcionamento de indignação presente no enunciado analisado. Principalmente atrelados à temática da desigualdade, diferentes excertos analisados fazem referência ao aqui chamado “eu contestador”, marcado pela frustração diante da realidade social e pelo desejo de mudança, como no apresentado abaixo:

Esses dias a Janja me mostrou um depoimento de um cara que dizia “O que eu fiz para aos oitenta anos de idade estar morando na rua?” Esse país não precisa disso. Esse país tem condições de cuidar do seu povo com decência. Vê se o Congresso está preocupado com isso. Não está preocupado. Eu estou com um problema de indignação (Lula, 2021, 55 min 32 seg).

Retomando Azevedo (2013), a arqueologia do conhecimento de Foucault compreende as formações discursivas diante das condições históricas e sociais que tornam possível a emergência de certos discursos. Dessa forma, certos conjuntos de circunstâncias favorecem a construção dos enunciados e dos sentidos dentro de uma sociedade. A entrevista analisada é produzida e veiculada durante um período político de incertezas, o último ano de mandato do

ex-presidente Jair Bolsonaro, que se preparava para concorrer novamente no ano de 2022 contra adversários ainda não anunciados. A expectativa da então oposição acerca da candidatura de Lula marcava diferentes discussões, pesquisas e entrevistas, que levaram os entrevistadores ao questionamento:

Aí me vem a vontade de te perguntar se você vai ser candidato. A gente vê nas pesquisas que o único ser humano capaz de derrotar o Bolsonaro é o Lula, desde o primeiro turno ou segundo turno. A sua indignação vai fazer o senhor ser candidato? (Cavalari, 2021, 50 min 40 seg).

O clima político, social e cultural presente no país, a disputa acirrada pelo poder, a crise econômica pós pandemia, entre outros fatores, constituem condições que propiciaram, além da própria realização da entrevista, a construção enunciativa do sujeito Lula enquanto contestador das situações vivenciadas na sociedade na época. A apreensão nacional com relação ao futuro político brasileiro, que encontraria possíveis novos caminhos no ano seguinte, atraiu atenção para discursos relacionados ao clima de mudança.

O Mapa da Riqueza, publicado pela Fundação Getúlio Vargas Social em 2023, apontou como a pandemia afetou o cenário da desigualdade econômica no Brasil. O estudo constatou que, apesar do auxílio emergencial, as perdas dos mais ricos representaram menos da metade das perdas da classe média, elevando os níveis de desigualdade, inclusive entre regiões, uma vez que os estados do Sul e Sudeste concentram as maiores declarações de patrimônio por habitante, ao passo que o Maranhão se encontra no outro extremo. Diante dessa realidade, os debates sociais e econômicos no período pós pandemia intensificaram-se e apresentavam desafios para os agentes governamentais que seriam eleitos, constituindo uma agenda pública e um cenário propício historicamente para o surgimento de discursos contestadores, principalmente no que tange o campo das desigualdades.

Os enunciados demonstram preocupação com as camadas populares, nos quais o Presidente está disposto em uma posição-sujeito de agente ativo de mudanças, como no trecho:

O Brasil já era para estar produzindo vacinas. O Brasil tem competência para isso. Eu acho que a gente vai ter que fazer muita coisa nesse país. Muita coisa que a gente pode fazer. Uma coisa você pode ter certeza, que é a minha obsessão, nenhuma criança pode ir pra cama ou deve levantar de manhã sem ter o café da manhã (Lula, 2021, 122 min 55 seg).

A contestação se dá por aquilo que “não foi feito” e “poderia ter sido feito”, atrelando-se às regularidades que buscam vínculos, mediante a inclusão da sociedade como um todo em expressões como “O Brasil tem competência” e “O Brasil já era para estar”. O enunciado cria vínculos, incitando a comunidade a vivenciar o mesmo local de contestação e mudança, identificando-se com o sujeito.

Essa posição-sujeito delimita sua construção pessoal, marcada pela indignação diante de certas problemáticas, em detrimento de outras. Os enunciados marcados por esta regularidade priorizam temáticas que passam a integrar a construção discursiva de si. Para Gregolin (2007), silenciamento e exposição são estratégias presentes na construção de sentidos e verdades, que fabricam os temas de um momento histórico. Tópicos voltados para questões empresariais fazem parte do conjunto de objetos menos favorecidos nos enunciados analisados, demarcando mais que a posição contestadora de Lula, mas também sobre o que ele contesta.

Gregolin (2007) explica que a lembrança e o esquecimento ditam a interpretação contemporânea dos fatos, de forma que a retomada de sentidos e seus deslocamentos geram os efeitos identitários. Lula reforça seu posicionamento:

Me incomoda a falta de respeito. A falta de respeito pelo pobre. As pessoas acham que o pobre gosta de comer em cocho (...) Não é possível mudar a mentalidade no trato do povo mais humilde, do povo da periferia, do povo trabalhador? É só o respeito. É por isso, queridos companheiros, que eu brigo. Eu quero ajudar a construir um outro país (Lula, 2021, 56 min 11 seg).

O enunciado coloca em pauta indagações e estabelece o próprio sujeito como agente de luta e melhoria, determinando as questões com as quais se conecta. Dessa forma, são produzidos efeitos de verdade em relação a imagem do político, que desafia a realidade social, em busca de uma desestabilização.

Como destaca Navarro (2008), as batalhas de poder, em suas diversas instâncias, reproduzem efeito positivo na medida em que induzem desejos. Os meios de comunicação, portanto, veiculam os desejos que estão ligados aos discursos, que recaem e produzem os comportamentos sociais. Os enunciados analisados são marcados por desejos inseridos no campo político que fazem parte das relações de poder características das condições históricas nas quais se apresentam. O sujeito Lula se constitui neste jogo e, uma vez que se encontrava na posição de oposição política, estabelece-se discursivamente enquanto provocador dos problemas sociais que ainda permeavam a sociedade e delimita seus desejos:

Eu quero que o filho do trabalhador estude. Todo mundo nesse país tem o direito de ter a mesma oportunidade. E pra ter oportunidade você tem que comer (...) Eu só tenho uma razão para voltar. Que é fazer esse povo outra vez voltar a comer. Eu tenho uma obsessão (Lula, 2021, 60 min 29 seg).

No trecho, o discurso apresenta marcas que expressam o desejo do sujeito e sua postura diante da realidade que analisa. As expressões “eu quero” e “obsessão” são exemplos de vestígios de uma disposição e posicionamento que se relacionam com o contexto de possível volta do político ao poder. Diante disso, é possível observar o funcionamento do “eu contestador” nos enunciados, que aparece discursivamente conforme reproduz o sentido de indignação e desejo por mudanças. Ao contestar o cenário político, mediante a seleção de contextos específicos, o discurso se estabelece nas relações de poder e determina características ao sujeito que o enuncia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu do intuito de analisar as estratégias discursivas presentes na construção de si empreendida pelo sujeito Luiz Inácio Lula da Silva durante a entrevista concedida ao canal de podcast Podpah, em 2021. Para tanto, buscou refletir sobre o funcionamento de discursos voltados para a escrita de si e a atuação das mídias digitais e sonoras. Sob o amparo do aparato teórico e metodológico dos Estudos Discursivos Foucaultianos, foi possível observar quatro regularidades discursivas na materialidade analisada: “eu rememorador”, “eu Estadista”, “eu e os outros” e “eu contestador”.

A partir das séries enunciativas em que o sujeito realiza uma dada escrita de si, foram analisadas as formas como o sujeito enunciador se toma como objeto do qual se fala, subjetivando-se. Para o gesto analítico, buscou-se as relações entre a materialidade e a historicidade dos enunciados, bem como o acionamento de conceitos e reflexões teóricas realizados nos capítulos desta pesquisa.

O “eu rememorador” se relaciona com o retorno às experiências de sofrimento e superação do sujeito, que produzem efeitos de identificação e conexão com grande parcela da sociedade brasileira. A narrativa de histórias marca uma construção de si singularizada pela memória e pela historicidade, que delimita uma subjetividade baseada na humildade, distante das camadas abastadas da vida social e política. O passado carente se converte em objeto de orgulho e dignidade, guiando a formação do sujeito Lula enquanto figura política.

Por meio do gesto analítico, o “eu Estadista” se demarca nos momentos em que o sujeito, múltiplo e heterogêneo, referencia acontecimentos e conquistas políticas relevantes. O teor de coletividade é aqui um dos aspectos mais importantes na compreensão do modo como se da construção de si. A formação de um sentimento comunitário entre Presidente, partido e apoiadores se sobrepõe ao individualismo, qualificando a posição de autoridade inerente ao chefe de Estado. A materialidade dos enunciados, não obstante, aponta para como essa regularidade faz referência a posição sujeito que exerce poder sobre o corpo social, que é legitimada e reconhecida socialmente.

Em um processo de contraposição, na regularidade “eu e os outros”, o discurso se estabelece na segregação entre o que se é e aquilo a que se opõe. A partir de dadas condições de possibilidade, o sujeito Lula se constitui na esfera social e política por intermédio da emergência de aspectos com os quais não deseja se relacionar. Em constante adjetivação, o sujeito delimita as práticas, as ideologias e os outros sujeitos que considera reprováveis, executando uma escrita polarizada de si. Em uma posição-sujeito de agente ativo, o “eu

contestador” surge em condições históricas de possibilidade específicas, marcadas pelo lugar de oposição política e desejo por mudanças. A historicidade política, social, cultural e econômica do país possibilita a presença desta regularidade, orientando a prática discursiva e os enunciados propícios a emergirem. O sujeito se constrói como contestador a partir de sua inconformidade com o estabelecido, em especial com o não tratamento dado pelo ex presidente Jair Messias Bolsonaro com a Covid-19, pela fome ainda existente no país, por exemplo. Mediante a desestabilização da realidade e das problemáticas, principalmente as vinculadas a desigualdade social e econômica, a movimentação dos desejos guia a escrita de si nas relações de poder em que Lula se insere.

Os meios de comunicação de massa, em especial os veículos jornalísticos, atuam como construtores e lugares de circulação de discursos, ou seja, atuam no regime discursivo de uma sociedade em uma dada época. No corpus analisado, foi possível observar o papel da mídia digital e sonora como materialidade que constitui o enunciado, que permite sua existência singular. A circulação de discursos por meio destes meios atinge grandes comunidades e passam por constantes transformações na atualidade, propiciando novas formas de fluxo de informações, interações e interferências nas práticas e nos entendimentos da comunidade.

Os novos produtores inseridos no campo midiático, mediante as novas transformações tecnológicas e sociais, possibilitam mudanças nas formas de consumo e interação com as produções jornalísticas, que adicionam novas características na difusão dos discursos. Compreender os modos pelos quais as práticas discursivas ocorrem em diferentes formatos permite uma análise crítica das dinâmicas de poder e das estratégias no interior dos discursos.

Esta pesquisa concentrou seu foco na materialidade linguística do corpus, a partir das sequências enunciativas mais produtivas, resguardando-se de esgotar a materialidade sonora, visual e outros elementos produtores de sentido. Houve também a preocupação em limitar-se aos objetivos centrais e reflexões mais relevantes diante do objeto de análise, buscando não esbarrar em outras discussões possíveis.

A partir do levantamento das regularidades e de seu estudo aprofundado, foi possível compreender o funcionamento discursivo de como o sujeito Luiz Inácio Lula da Silva empreende uma construção de si. É importante ressaltar que as regularidades operam de maneira complementar e estabelecem diálogos entre si, possibilitando o regime discursivo do enunciado analisado. Dessa forma, o debate acerca do tema propicia novas abordagens conceituais e analíticas dentro do campo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Sara. Formação discursiva e discurso em Foucault. **Filogênese**, Marília: UNESP, v. 2, n.6, 2013
- ASSIS, Pablo de. Podcasting como ferramenta de distribuição de conteúdos digitais via Internet. **Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Intercom, Caxias do Sul, 2010.
- BARBOSA, Rafael; OLIVA, Gabriela. Podcast Podpah bate recorde de acessos simultâneos em episódio com Lula. **Poder 360**. 3 de dez. de 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/podcast-podpah-bate-recorde-de-acessos-simultaneos-em-episodio-com-lula/>. Acesso em 06 fev. 2024.
- BRASÍLIA. Instituto de Pesquisa Data Senado. **Redes Sociais, Notícias Falsas e Privacidade de Dados na Internet**. 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/ouvidoria/publicacoes-ouvidoria/redes-sociais-noticias-falsas-e-privacidade-de-dados-na-internet>. Acesso em: 06 fev. 2024.
- BUFARAH JUNIOR, Alvaro. Podcast e as novas possibilidades de monetização na radiodifusão. **Radiofonias** — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 33-48, jan./abr. 2020.
- FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, Mídia e Consumo** v. 4, n. 11, p.11-25, nov. 2007
- GOMES, Pedro. Terceiro ano de governo Bolsonaro é marcado por CPI, pandemia e ameaças à democracia. **G1**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/12/31/terceiro-ano-de-governo-bolsonaro-e-marcado-por-cpi-pandemia-e-ameacas-a-democracia.ghtml> Acesso em: 10 abr. 2024
- GOULART, Andrea. MUNOZ, Ivette. O sujeito informacional e as redes sociais online: reflexos da polarização política nas práticas informacionais relacionadas à pandemia de Covid-19. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. e6081, 2022. DOI: 10.18617/liinc.v18i2.6081. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/6081>. Acesso em: 11 abr. 2024.
- HERSCHMANN, Micael , KISCHINHEVSKY Marcelo . A “ geração podcasting” e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre n. 37, 2008.
- KANTAR IBOPE MÍDIA. **Inside Radio 2021**. Disponível em: [kantaribopemedia.com/estudos-type/inside-radio-2021/](https://www.kantaribopemedia.com/estudos-type/inside-radio-2021/). Acesso em: 26 nov. 2023

KANTAR IBOPE MÍDIA. **Inside Radio 2022**. Disponível em: <https://kantaribopemedia.com/conteudo/estudo/inside-radio-2022/>. Acesso em: 26 nov. 2023.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Cultura da portabilidade** - Novos usos do rádio e sociabilidades em mídia sonora. Observatorio (OBS*), [S. l.], v. 3, n. 1, 2009.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; LOPEZ, Debora Cristina; BENZECRY, Lena. Podcasting tensiona categorizações e ganha, enfim, destaque como objeto de estudos. **Radiofonias** — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 06 - 12, jan./abr. 2020.

LULA: Podpah #295. Entrevistado: Lula. Entrevistadores: Tiago Marques e Igor Cavalari. [S. l.]: **PodPah**, 2 dez. 2021. Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r4JJh0lbYHU>. Acesso em: 9 abr. 2024.

MADEIRA, R. M., & TAROUCO, G. da S. Esquerda e direita no Brasil: uma análise conceitual, in **Revista Pós Ciências Sociais**, v.8, n.15, 2011

MEDEIROS, Marcello. “Podcasting: Produção descentralizada de conteúdo sonoro”. **Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** - Intercom, Rio de Janeiro, 2005.

MENDES, Laurianne. **Regimes de verdade sobre a instituição escolar em enunciados do projeto "Escola sem Partido" no Twitter**. 2020. 114 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

NAVARRO, Pedro. Discurso, história e memória: contribuições de Michel Foucault ao estudo da mídia. In TASSO, I (org.), **Estudos do texto e do discurso: Interfaces entre língua(gens), identidade e memória**, São Carlos, p. 59-74, Claraluz, 2008

NAVARRO, Pedro; SARGENTINI, Vanice. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder** - Claraluz, Sao Carlos, 2004.

NAVARRO, Pedro. VOSS, Jefferson. Sobre o conceito de formação discursiva em Foucault e o tratamento de objetos da mídia. In: POSSENTI, Sírio. BENITES, Sônia. **Estudos do texto e do discurso: materialidades diversas**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2011. p. 53 – 81.

NERI, Marcelo (coord.). **Mapa de riqueza no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV Social, 2023. Disponível em: <https://cps.fgv.br/riqueza>. Acesso em: 9 abr. 2024.

PODCAST café da manhã alcança 1 milhão de seguidores do Spotify. **Folha de S. Paulo**, 27 de abr. de 2023. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2023/04/podcast-cafe-da-manha-alcanca-1-milhao-de-seguidores-no-spotify.shtml>. Acesso em 06 fev. 2024

PRIMO, Alex. Para além da emissão sonora: as interações no Podcasting. Porto Alegre: **Intexto**, v. 2, n. 13, 2005.

SILVA, L. I. L. Biografia. [Brasília, DF], [2023]. **Portal: Planalto**. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/conheca-a-presidencia/biografia-do-presidente>. Acesso em: 9 abr. 2024.

Síntese de indicadores sociais : uma análise das condições de vida da população brasileira : 2023 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro : IBGE, 2023. 152 p. in **Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, ISSN 1516-3296** ; n. 53

SOUSA, Kátia Menezes de. Das condições de possibilidade dos discursos em Michel Foucault: uma breve análise do presente. In: FERNANDES JÚNIOR, Antônio; STAFUZZA, Grenissa Bonvino (Orgs.). **Discursividades contemporâneas: política, corpo, diálogo**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2017, p. 101-129.

SOUSA, Kátia Menezes de. SILVA, Mirela. As relações de poder nos discursos divulgados pela mídia para a realização do referendo 2005. **Signótica**, v. 19, n. 2, p. 299-317, jul-dez. 2007.

STREAMING tem 20 milhões de assinantes no Brasil diz estudo da ABMI. **UBC**. 29 de mai. de 2023. Disponível em:
<https://www.ubc.org.br/publicacoes/noticia/21722/streaming-tem-20-milhoes-de-assinantes-no-brasil-diz-estudo-da-abmi>. Acesso em: 22 jan. 2024